

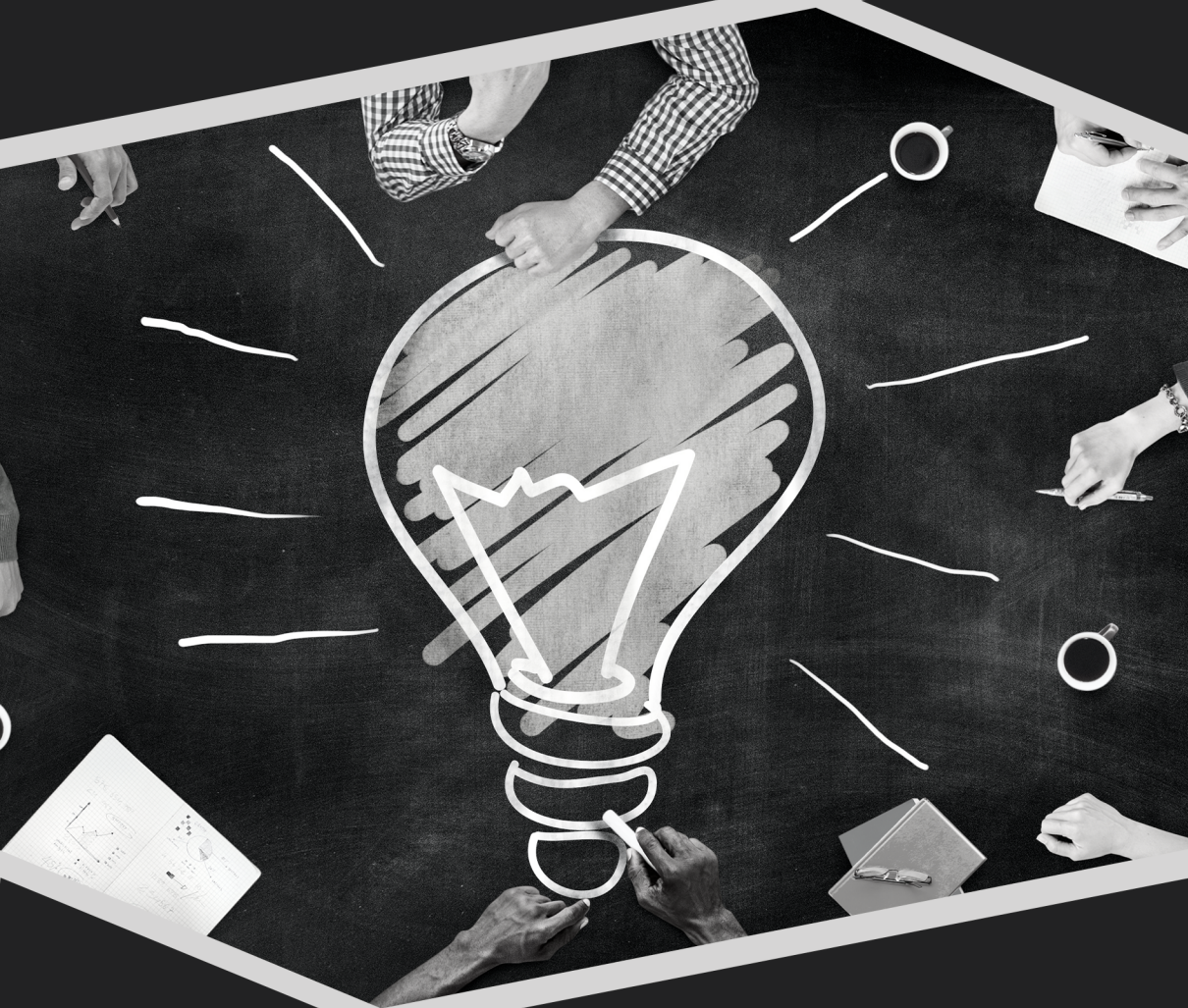
Gestão e Organização da Informação e do Conhecimento



Ernane Rosa Martins
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2020

Gestão e Organização da Informação e do Conhecimento



Ernane Rosa Martins
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Tais Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Gestão e organização da informação e do conhecimento

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Ernane Rosa Martins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

G393 Gestão e organização da informação e do conhecimento
[recurso eletrônico] / Organizador Ernane Rosa
Martins. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-367-5

DOI 10.22533/at.ed.675200410

1. Gestão do conhecimento. 2. Organização e
método. 3. Sistema de informação gerencial. I. Martins,
Ernane Rosa.

CDD 658.4038

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Conforme o Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa, informação vem do latim *informatio, onis*, (“delinear, conceber ideia”), podendo assim, ser definido como, dar forma ou moldar na mente. Os dados simplesmente constituem a matéria prima para a criação da informação, embora não tenham significados inerentes. A informação por sua vez, é dotada de relevância e proposito, sendo contextualizada e significativa. Já o conhecimento, inclui reflexão, síntese e contexto. A gestão da informação e do conhecimento é um conjunto de técnicas e estratégias destinadas a identificar, racionalizar e otimizar as necessidades informacionais, mapeando os fluxos formais da informação nos diferentes ambientes das organizações.

Este livro, em sua composição possibilita conhecer algumas das temáticas mais relevantes que abrangem a gestão e organização da informação e do conhecimento, tais como: uma revisão da literatura para e-saúde em ambiente de armazenamento na nuvem; o mapeamento de artigos bibliométricos em administração inseridos na plataforma SPELL no último quadriênio; um caso de modelagem de processo de patrimoniamto; uma contextualização e historiografia da temática redes de informação; uma análise da formação da Supervisão de Ensino sob o paradigma de gestão educacional; uma análise da importância da implementação do e-Learning Accor como fonte de vantagem competitiva; a identificação de como a Gestão e Divulgação do Capital (GDCI) intelectual pode agregar valor à Accountability de Instituições de Ensino; a análise das principais falhas de normalização presente nos elementos pré-textuais de trabalhos acadêmicos; uma investigação da relação do perfil do CFO com o nível de cash holding das empresas brasileiras listadas na BM&FBOVESPA – B3 no período de 2011 a 2016; a importância da Organização da Informação (OI) como ferramenta de apoio ao processo de tomada de decisão em uma Micro e Pequenas Empresas (MPE); a discussão das principais tendências que influenciam o contexto da Web de Dados; a identificação de como ocorre a aceitação de doações de materiais na biblioteca Prof. Marcelino Monteiro da Costa; a descrição das etapas do processo de desinfestação de acervo bibliográfico através do irradiador multipropósito de Cobalto-60; a criação de protótipos audiovisuais (videoaulas educativas) para duas universidades distintas que atuam no ramo EAD no Brasil; a importância da retenção de talentos dentro da organização em uma perspectiva pós-pandemia; os identificadores dos avanços e limitações na gestão da atenção à saúde bucal; a percepção do entendimento e informações dos alunos, acerca da transparência Municipal e das contas públicas; a identificação das bases teórico-metodológicas adotadas na representação da imagem no contexto da saúde em periódicos científicos na área da Ciência da Informação; e uma taxonomia para gerenciamento dos itens do estoque do setor de sinalização/COELO (Coordenação de Eletrônicos) - CBTU/PE.

Deste modo, espero que este livro seja um guia para os alunos auxiliando-os em

assuntos importantes desta área, fornecendo conhecimentos que possam ajuda-los nas necessidades informacionais, computacionais e de automação das organizações em geral. Por fim, agradeço a todos que contribuíram positivamente de alguma forma para a elaboração e construção desta obra e desejo a todos os leitores, novas e relevantes reflexões sobre os temas abordados.

Ernane Rosa Martins

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

ABORDAGENS SOBRE COMPUTAÇÃO NA NUVEM: UMA BREVE REVISÃO SOBRE SEGURANÇA E PRIVACIDADE APLICADA A E-SAÚDE NO CONTEXTO DA LGPD

Luís Rafaeli Coutinho

Henrique Pereira Oliveira d'Eça Neves

Lecian Cardoso Lopes

DOI 10.22533/at.ed.6752004101

CAPÍTULO 2..... 19

ANÁLISE DAS BIBLIOMETRIAS EM ADMINISTRAÇÃO NA BASE SPELL: UMA BIBLIOMETRIA DE BIBLIOMETRIAS NACIONAIS

Iracema Medeiros D'Abreu

Petrine Monteiro Alves Santa Ritta

Marcus Brauer

DOI 10.22533/at.ed.6752004102

CAPÍTULO 3..... 32

APLICAÇÃO DO BPM EM UMA UNIVERSIDADE: ESTUDO DE CASO NO PROCESSO DE PATRIMONIAMENTO DO INSTITUTO DE INFORMÁTICA

João Francisco da Fontoura Vieira

Danhuri Ritter Jelinek

Bernardo Honaiser

DOI 10.22533/at.ed.6752004103

CAPÍTULO 4..... 40

CARACTERIZAÇÃO DE REDES DE INFORMAÇÃO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Antônia Danielle Ferreira

Glaucia Oliveira Araújo

Larissa Eufrásio Matoso Alves

DOI 10.22533/at.ed.6752004104

CAPÍTULO 5..... 53

DESAFIOS Á FORMAÇÃO DA SUPERVISÃO DE ENSINO MEDIANTE O PARADIGMA DE GESTÃO EDUCACIONAL

Maria Lucia Morrone

Marina Ranieri Cesana

DOI 10.22533/at.ed.6752004105

CAPÍTULO 6..... 68

GESTÃO DO CONHECIMENTO NA HOTELARIA: *E-LEARNING* COMO FERRAMENTA DE APRIMORAMENTO PROFISSIONAL NA GERAÇÃO DE DIFERENCIAL COMPETITIVO

Elidomar da Silva Alcoforado

Marcos Tavares de Melo Junior

Tuana Sampaio de Souza Fernandes

DOI 10.22533/at.ed.6752004106

CAPÍTULO 7	86
INOVAÇÃO NA ACCOUNTABILITY DE INSTITUIÇÕES DE ENSINO A PARTIR DA GESTÃO DO CAPITAL INTELECTUAL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA	
Phillipi de Macedo Coelho	
Eduardo Zeferino Máximo	
Andreici Daiani Vedovatto Vitor	
João Artur de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.6752004107	
CAPÍTULO 8	101
NORMALIZAÇÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS: UMA ANÁLISE DOS TRABALHOS APRESENTADOS À BIBLIOTECA DO CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO	
Elaine Cristina de Freitas	
Jefferson Luiz Alves Nazareno	
Leonice Maria Cavalcante	
Marcela Porfírio da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.6752004108	
CAPÍTULO 9	110
O PERFIL DOS GESTORES E AS ESTRATÉGIAS DE CARREGAMENTO DE CAIXA	
Danilo Chrispim Modesto	
DOI 10.22533/at.ed.6752004109	
CAPÍTULO 10	131
ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO COMO APOIO PARA TOMADA DE DECISÃO: ESTUDO DE CASO EM UMA PEQUENA EMPRESA	
Kevin Schwantz Gomes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.67520041010	
CAPÍTULO 11	153
ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO NA WEB DE DADOS DESAFIOS E COMPETÊNCIAS DO PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO	
Francisco Carlos Paletta	
Armando Manuel Barreiros Malheiro da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.67520041011	
CAPÍTULO 12	165
POLÍTICA DE AQUISIÇÃO: DOAÇÃO, DIRETRIZES E DILEMAS EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS	
Eddie Carlos Saraiva da Silva	
Helen Roseany da Silva Souza Luz	
DOI 10.22533/at.ed.67520041012	

CAPÍTULO 13.....	173
PRESERVAÇÃO E CONSERVAÇÃO DO ACERVO DA BIBLIOTECA DO CONJUNTO DAS QUÍMICAS/USP – ESTUDO DE CASO USO DE RADIAÇÃO GAMA (COBALTO 60)	
Fátima Aparecida Colombo Paletta	
DOI 10.22533/at.ed.67520041013	
CAPÍTULO 14.....	183
RELATO SOBRE CRIAÇÃO DE PROTÓTIPOS AUDIOVISUAIS UTILIZANDO O <i>DESIGN THINKING</i> EM ROTINAS DE PRODUÇÃO E GESTÃO DO CONHECIMENTO	
Ana Juliana Fontes	
DOI 10.22533/at.ed.67520041014	
CAPÍTULO 15.....	192
RETENÇÃO DE TALENTOS: QUAL SUA IMPORTÂNCIA PARA ORGANIZAÇÃO NO PÓS-PANDEMIA	
Rosineia Oliveira dos Santos	
Luís Fernando Ferreira de Araújo	
Ely Roberto de Souza Pereira	
Tereza Elisabete Imperiale	
Gilmar Afonso de Lucas	
Rodrigo Crissiuma	
DOI 10.22533/at.ed.67520041015	
CAPÍTULO 16.....	208
A PROVISÃO DE AÇÕES E SERVIÇOS DE SAÚDE BUCAL NA PERSPECTIVA DOS INDICADORES DE SAÚDE	
Izamara Lira de Sousa Dutra	
Meire Coelho Ferreira	
Waneska Ferreira Cavalcante de Albuquerque Reis	
DOI 10.22533/at.ed.67520041016	
CAPÍTULO 17.....	221
TRANSPARÊNCIA ORÇAMENTÁRIA DA GESTÃO PÚBLICA MUNICIPAL	
Alexandre de Freitas Carneiro	
Daline Scarponez Estêves	
DOI 10.22533/at.ed.67520041017	
CAPÍTULO 18.....	239
TRATAMENTO INFORMACIONAL DA IMAGEM BIOMÉDICA: ESTADO DA ARTE EM PERIÓDICOS DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	
Joice Cleide Cardoso Ennes de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.67520041018	

CAPÍTULO 19.....	253
USO DE TAXONOMIA PARA ORGANIZAÇÃO DOS ITENS DO ESTOQUE INTERNO DO SETOR DE SINALIZAÇÃO DA COMPANHIA BRASILEIRA DE TRENS URBANOS EM PERNAMBUCO	
Getúlio Valdemir Batista	
Mariângela da Silva Simões	
DOI 10.22533/at.ed.67520041019	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	266
ÍNDICE REMISSIVO.....	267

O PERFIL DOS GESTORES E AS ESTRATÉGIAS DE CARREGAMENTO DE CAIXA

Data de aceite: 01/09/2020

Danilo Chrispim Modesto

Fundação Escola de Comércio Álvares
Penteado - FECAP
São Paulo – SP
<http://lattes.cnpq.br/1712409595961553>
28.06.2020

RESUMO: Esta pesquisa investigou a relação do perfil do CFO com o nível de *cash holding* das empresas brasileiras listadas na BM&FBOVESPA – B3 no período de 2011 a 2016. A pesquisa analisa como é o perfil do CFO e como este se relaciona com o carregamento de caixa da companhia; também investiga se a mudança de CFO tem uma relação direta com o nível de cash holding. Foi utilizada uma amostra de 82 empresas e perfis. Os dados utilizados nesta pesquisa foram coletados pela seção 12.5 do formulário de referência, usado como apoio à ferramenta *LinkedIn Recruiter*. Já as informações das empresas são coletadas através da ferramenta Economática. A metodologia adotada utilizou abordagem descritiva e análise de perfis, sendo uma pesquisa exploratória. Os resultados mostraram que a mudança de CFO influencia diretamente o nível de *cash holding* da empresa e colabora para a elevação do nível de caixa.

PALAVRAS-CHAVE: Carregamento de caixa; Nível de cash; Perfil; Mudança de CFO.

THE PROFILE OF THE MANAGERS AND THE STRATEGIES OF CASH HOLDING

ABSTRACT: This research investigated the relationship between the profile of the CFO and the level of cash holding of the Brazilian companies listed on BM & FBOVESPA - B3 between 2011 and 2016. The research studies how the CFO profile is and how it relates to the company's cash flow; it also investigates if the change of CFO has a direct relationship with the level of cash holding. A sample of 82 companies and profiles was analyzed. The data used in this research were collected with section 12.5 of the reference form used to support the LinkedIn Recruiter tool. The information of the companies were collected using the tool Economática. The methodology adopted uses a descriptive approach and profile analysis, and it is an exploratory research. Results show that the change of CFO directly affects the level of cash holding in the companies and collaborates to raise the level of cash.

KEYWORDS: Cash holding; Level of cash; Profile; Change of CFO.

1 | INTRODUÇÃO

O propósito desta pesquisa é aferir a relação do perfil dos gestores financeiros com o carregamento de caixa das empresas listadas na BM&FBOVESPA – B3 no período de 2011 a 2016. Além disso, busca-se investigar os principais fatores determinantes que influenciam diretamente nessa retenção de caixa e a correlação com o desempenho operacional

financeiro. Este estudo avança em relacionar o perfil do CFO com políticas de *cash holding*.

Aier (2005) afirma em sua pesquisa que investiga as características do CFO pelas variáveis certificação de MBA e tempo de experiência no cargo, o autor destaca que essas variáveis são significantes para esses profissionais e quem possui o curso de MBA e maior tempo de experiência tende a ter uma menor medida de erro. Para Messemer (1998), a certificação em MBA amplia o conhecimento estratégico contribuindo na gestão da operação, mas não garante um melhor desempenho nos relatórios financeiros.

De acordo com a pesquisa de Malmendier e Tate (2005), as características dos gestores têm poder explicativo na tomada de decisão. Evidências em sua pesquisa demonstram que o grau de formação e o curso do indivíduo contribuem para explicar a influência da característica do gestor no contexto de decisão nas empresas. Outra característica importante destacada na literatura sobre influência na tomada de decisão é o gênero do gestor. Kets de Vries (1997) afirma que a entrada das mulheres na liderança de muitas organizações trouxe mudanças significativas e também contribuições positivas para a inovação no modelo de gestão. Para Gonçalves (2012), precisamos entender como a liderança pelo gênero feminino funciona, pois, as características influenciam no método de gestão de cada um. Destaca-se que um dos fatores de sucesso das empresas é compreender a questão do gênero, visto que as mulheres desenvolvem uma forma de gestão diferente da exercida pelos homens (Loden, 1988).

Jensen (1986) menciona que um fator decisivo para a gestão de caixa é a tendência dos gestores a permanecerem com o caixa elevado não só em benefício da empresa, mas sim para suprir suas próprias necessidades em cenários adversos e por seus próprios problemas de aversão ao risco. Os gestores aplicam grande parte do tempo analisando e explorando o cenário econômico, a parte técnica do negócio, político e social, buscando inovações que possam ser aplicadas. Destaca-se ainda que eles estão sempre sozinhos ou em contato com colegas da empresa buscando desenvolver e criar possíveis diretrizes para tomar a decisão quando for necessário (Simon, 1972). Bazerman (2004) afirma que os indivíduos nas empresas são colocados em situações que exigem uma rápida tomada de decisão. Muitos desses entendem que estão sendo racionais e agindo conscientemente, porém, segundo o autor, grande parte deles tomam decisões com base em impulsos, emoções e crenças, e são influenciados por um comportamento decisório irracional, ao contrário do que muitos pensam.

Forti (2011) cita em sua pesquisa que na teoria clássica da gestão de caixa o carregamento influencia diretamente nos resultados das empresas. O autor investigou a relação entre a manutenção de reservas de caixa e o desempenho operacional de empresas brasileiras de capital aberto. O estudo de Dahrouge e Saito (2013) sobre a política de *cash holding*, que investiga o nível de *cash holding* durante o período da crise de 2008 a 2009, indica que empresas possuem participações importantes em ativos de liquidez nos seus balanços. Dada a importância do nível de *cash holding*, Guney et al. (2003) analisaram em

seu trabalho outros países como Japão, Alemanha, França e Reino Unido enquanto Lee e Song (2007) avaliaram as empresas asiáticas.

As evidências demonstram que os ativos de liquidez imediata (*cash*) representaram em 1994 aproximadamente 18% do total dos ativos das empresas nos EUA e em 2006 o nível de *cash* era de 23% do total dos ativos (Bates, Kahle, & Stulz, 2009). Segundo Dahrouge e Saito (2013), a tendência de aumento no Brasil é igual em comparação com os EUA, os níveis de *cash holding* vêm aumentando ao longo do tempo e em 2010 este número representava 10% do total dos ativos. O nível ótimo de *cash holding* contribui positivamente com a redução de custos de transação, com a diminuição da probabilidade de descontroles financeiros, com a liquidação de ativos subavaliados e a captação de recursos financeiros externos (Portal, Zani, & Silva, 2012).

Segundo De Carvalho e Schiozer (2012), as empresas brasileiras revisam suas rotinas de capital de giro com mais frequência. Os autores afirmam que este fato ocorre em virtude das atividades relacionadas à otimização dos fluxos de caixa de curto prazo terem um retorno marginal elevado no Brasil, devido ao maior custo do dinheiro.

Diante destes cenários explorados, este estudo avança contribuindo para a literatura da área ao investigar o perfil dos gestores financeiros denominados pelas empresas como *Chief Financial Officers* (CFO). Este perfil é relacionado com políticas de *cash holding* do trabalho de Dahrouge e Saito (2013), sua influência e sua relação com o carregamento de caixa da companhia. São analisadas também as variáveis das pesquisas anteriores sobre políticas de *cash holding* de Dahrouge e Saito (2013), como tamanho da empresa, grau de alavancagem e fluxo de caixa operacional, e também da pesquisa de Forti (2011) sobre retenção de caixa e *market-to-book*. Esta pesquisa avança com as variáveis do perfil, analisando itens como grau de formação, curso de formação, tempo profissional do gestor na empresa listada, tempo de experiência como CFO, gênero e idade. A pesquisa trabalha com o período de 2011 a 2016 e com uma amostra de 82 perfis.

Esta pesquisa segue a seguinte estrutura: (i) contextualização e introdução, (ii) revisão da literatura, (iii) metodologia, (iv) análise dos dados e (v) conclusão. A metodologia adotada é de abordagem descritiva somada à análise do perfil.

2 | REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Fatores determinantes e o carregamento de caixa

Através da literatura podemos identificar que um dos principais fatores determinantes para as empresas na gestão do caixa é a retenção do mesmo. Empresas possuem disposição de elevar o nível do carregamento de caixa por componentes de geração interna de caixa e do capital de giro (Dahrouge & Saito, 2013). Baumol (1952) destaca que as empresas também mantêm caixa para conseguir suprir as necessidades que não são previstas. Na

pesquisa de Fazzari e Petersen (1993), os autores enfatizam a questão do capital de giro como influência na geração de recursos internos, o que impacta a disponibilidade de caixa, pois liquidez no capital é um substituto de caixa, ocorrendo *trade-off* entre esta liquidez e a decisão de investimento.

Abreu (2005) cita que os fatores determinantes que foram encontrados na gestão de caixa são: o porte da empresa, a alavancagem, os ativos líquidos substitutos e o pagamento de dividendos. Essas variáveis demonstraram uma relação positiva com o saldo de caixa, mas o prazo da dívida, as oportunidades de investimentos, a incerteza de fluxo de caixa e o excesso de controle apresentaram uma relação negativa.

O cenário econômico também faz com que empresas retenham caixa. Um exemplo claro é o período de 2007 a 2009, em que empresas procuraram ativos líquidos. Neste período, financiamentos externos se tornaram caros e restritos, de acordo com Lee e Song (2010). Esses autores destacam que esses cenários influenciam diretamente na gestão do caixa e as estratégias são administradas através da geração dos recursos providos por este caixa. Portanto, há um impacto direto no modo de gestão.

Kim et al. (1998) e Opler et al. (1999) verificam em suas pesquisas que empresas acumulam caixa em excesso, havendo um grande conflito de interesse entre investidores e gestores. Os autores buscaram entender qual seria o nível ideal para o caixa da empresa.

No Brasil, Dahrouge e Saito (2013) ressaltam em sua pesquisa que o efeito do custo de transação impacta de forma significativa o ajuste do saldo mínimo e que, em média, o caixa das empresas do Brasil está em 6,5% dos ativos, mesmo nível encontrado na pesquisa de Ozkan e Ozkan (2004) nas empresas do Reino Unido. Eles fazem uma análise desse efeito na tomada de decisão dos gestores quanto à gestão do caixa, pois isto impacta diretamente a estratégia de ajuste de caixa mínimo. Os autores fazem um aprofundamento no *trade-off* entre caixa mínimo e custo de transação e concluem que essa consequência impede a empresa de elevar o nível de caixa ao ótimo, mantendo-se a manutenção parcial. Os mesmos autores mencionam que outro fator determinante a influenciar o processo de carregamento de caixa da empresa seria a teoria de *Pecking Order* de Myers e Majluf (1984), pois na hierarquia da estrutura de capital a primeira fonte de recursos financeiros proposta por esse modelo é o caixa líquido, sendo a geração de caixa interna, o que possibilita uma tomada de decisão mais rápida no processo de gestão.

As evidências demonstram que os ativos de liquidez imediata (*cash*) representaram em 1994 aproximadamente 18% do total dos ativos das empresas nos EUA e em 2006 o nível de *cash* era de 23% do total dos ativos (Bates et al., 2009). Segundo Dahrouge e Saito (2013), a tendência de aumento no Brasil é igual em comparação com os EUA. Os níveis de *cash holding* vêm aumentando ao longo do tempo, como uma participação de 10% do total dos ativos em 2010. O nível ótimo de *cash holding* contribui positivamente com a redução de custos de transação, a diminuição da probabilidade de desconroles financeiros, a liquidação de ativos subavaliados e a captação de recursos financeiros externos (Portal et

al., 2012).

Dahrouge e Saito (2013) explicam caixa como o dinheiro que as empresas mantêm e que será utilizado ao longo de suas atividades operacionais. Esses autores exploram o *cash holding* como fator determinante e destacam que as empresas carregam caixa para honrar com os compromissos que assumem no decorrer das atividades do negócio em questão. Ferreira e Vilela (2004) analisam duas vertentes. Primeiramente, analisam o quanto é benéfico carregar o caixa para reduzir os problemas de necessidades externas. Em segundo lugar, analisam o custo através do capital investido.

De acordo com Koshio e Cia (2004) os determinantes do nível de caixa nas empresas no Brasil em comparação com empresas americanas mostram que as decisões são baseadas no *trade-off* entre custos e benefícios de reter o caixa.

2.2 Influências do perfil na tomada de decisão

Bazerman (2004) afirma que os indivíduos nas empresas são colocados em situações que exigem uma rápida tomada de decisão. Muitos desses entendem que estão sendo racionais e agindo conscientemente, porém, segundo o autor, grande parte deles toma decisões com base em impulsos, emoções e crenças; são influenciados por um comportamento decisório irracional, ao contrário do que muitos pensam. O autor destaca ainda que a falta de conhecimento de como nossas mentes funcionam poderá acarretar em sérias consequências e até mesmo levar uma empresa a falência.

Jensen (1986) afirma que um fator determinante para a gestão de caixa é a tendência de que os gestores tomem decisões de manterem o caixa elevado como benefício próprio para conseguirem suprir necessidades em situações adversas de seu dia-a-dia ou porque possuem problemas de aversão ao risco, ou seja, as decisões são tomadas por interesses próprios.

Para Oliveira (2010), o processo de tomada de decisão é influenciado por vieses do perfil de conservadorismo e os decisores, por sua vez, constroem modelos simplificados que coletam as características essenciais dos problemas, fazem uma procura geralmente não muito exaustiva, e escolhem as alternativas mais explícitas já praticadas e testadas, ou seja, as decisões são influenciadas pelo histórico de fatos já ocorridos e os decisores se acomodam e não buscam a melhor decisão.

Graham e Harvey (2001) analisam em sua pesquisa os principais métodos financeiros praticados por 392 *Chief Financial Officers* (CFO) sobre o custo de capital, orçamento de capital e estrutura de capital. Os autores também fizeram uma análise do grau de formação dos *Chief Executive Officers* (CEO). Os autores identificam quais gestores possuem curso de MBA e relacionam este fato ao método financeiro praticado na empresa; ou seja, analisam a influência do grau de formação no método utilizado. A pesquisa concluiu que os gestores com MBA praticam alguns métodos financeiros diferenciados.

Aier (2005) investiga em sua pesquisa características dos CFOs como certificação

de MBA, tempo de experiência no cargo em outras empresas e tempo como CFO associadas aos erros contábeis. Aier afirma que essas variáveis são significantes para esses profissionais e identifica que quem possui o curso de MBA e maior tempo de experiência tende a ter uma menor medida de erro. Para Messmer (1998), a certificação de MBA amplia o conhecimento estratégico, contribuindo na gestão da operação, mas destaca que a certificação não garante um melhor desempenho nos relatórios financeiros.

Kets de Vries (1997) menciona que a entrada da mulher na liderança de muitas organizações trouxe mudanças significativas e também contribuições positivas para inovação no modelo de gestão. Para Gonçalves (2012), precisamos entender como a liderança pelo gênero feminino funciona, pois, as características das pessoas influenciam seu método de gestão. Destaca-se que um dos fatores de sucesso das empresas é compreender a questão do gênero, visto que as mulheres desenvolvem uma forma de gestão diferente da exercida pelos homens (Loden, 1988).

3 I METODOLOGIA E DADOS

Este estudo utiliza o modelo de dados em painel, visto que pode ser benéfico o fato de ele possibilitar que sejam testadas suposições que estão implícitas na análise transversal, controlar para heterogeneidade dos fatores não observáveis, e possibilitar a eliminação de vieses ocasionados pela existência de efeitos individuais (Dahrouge & Saito, 2013). Foram analisados os modelos Pooled (MQO) e Efeito Fixo.

Esta pesquisa também utiliza o teste de médias para amostras independentes, este teste de hipótese é utilizado quando existem duas condições experimentais em sujeitos diferentes em cada grupo de comparação, ou seja, as amostras não são pareadas.

3.1 Coleta de dados

A amostra desta pesquisa constitui-se das empresas negociadas na Bolsa de Valores de São Paulo – B3, porém foram excluídas as empresas financeiras. O período analisado foi de 2011 a 2016, e a amostra incluiu 82 perfis. Para entender o perfil do CFO, este foi analisado através de estatística descritiva, possibilitando caracterizar a amostra e indicar as médias observadas pela distribuição dos setores do banco de dados da BM&F Bovespa – B3.

Os dados utilizados nesta pesquisa foram coletados pela seção 12.5 do formulário de referência, usado como apoio a ferramenta *LinkedIn Recruiter* e o próprio site da empresa. As informações financeiras das empresas para calcular as variáveis independentes foram exploradas pela fonte de dados trimestrais do Economática.

A pesquisa foi elaborada seguindo a seguinte estrutura: **(i) Levantamento da base de dados;** **(ii) Compilação e tabulação das informações** – nesta fase foi analisado o perfil de cada CFO; **(iii) Consolidação e tratamento dos dados** – nesta fase os dados

foram compilados e tratados; e, por último, **(iv) Geração e análise dos resultados.**

3.2 Desenvolvimento das hipóteses

De acordo com a pesquisa de Malmendier e Tate (2005), as características dos gestores têm poder explicativo na tomada de decisão. Jensen (1986) afirma que um fator determinante para a gestão de caixa é a tendência de que os gestores tomem decisões de manterem o caixa elevado como benefício próprio para conseguirem suprir necessidades em situações adversas de seu dia-a-dia ou porque possuem problemas de aversão ao risco; ou seja, as decisões são tomadas por interesses próprios. Oliveira (2010) destaca que o processo de tomada de decisão é influenciado por vieses do perfil de conservadorismo, e os decisores, por sua vez, constroem modelos simplificados que coletam as características essenciais dos problemas, fazem uma procura geralmente não muito exaustiva, e escolhem as alternativas mais explícitas já praticadas e testadas; isto significa que as decisões são influenciadas pelo histórico de fatos já ocorridos. Com base nisso, definimos a principal hipótese do estudo: **hipótese 1 (H1)** – a mudança de CFO interfere diretamente o nível de *cash holding* e influencia para que os novos gestores elevem o nível de *cash*.

Além disso, Aier (2005) afirma em sua pesquisa que tempo de experiência no cargo e na empresa são variáveis significantes para estes profissionais. Por isso, também elaboramos outra hipótese: **hipótese 2 (H2)** – os gestores com mais tempo de empresa e com mais tempo na posição de CFO tendem a ser mais conservadores e a manter um nível de *cash holding* mais elevado.

3.3 Especificação econométrica

Esta pesquisa utiliza o método de regressão múltipla com dados em painel para estimar a relação entre o perfil do gestor e as estratégias de *cash holding*. A equação abaixo demonstra como é o modelo econométrico neste estudo. O nível de *cash* é representado pela variável dependente *CASH*, descrita a seguir, sendo esta a soma dos valores disponíveis em caixa, bancos e aplicações financeiras de curto prazo, dividida pelo ativo total, noção utilizada pelos autores Kim et al. (1998), Opler et al. (1999), Ozkan e Ozkan (2004), e Dahrouge e Saito (2013).

$$\begin{aligned} \text{CASH}_{it} = & B0 + B1 \text{Tam}_{it} + B2 \text{Alav}_{it} + B3 \text{Fco}_{it} + B4 \text{Mtb}_{it} \\ & + B5 \text{DmGrform}_t + B6 \text{DmTpemp}_t + B7 \text{DmEprof}_t + B8 \text{DmMudança}_t + E_{it} \end{aligned} \quad (1)$$

Onde:

CASH_{it} = Nível de caixa da companhia *i* no trimestre *t*;

Tam_{it} = Tamanho da companhia por ativo total *i* no trimestre *t*;

Alav_{it} = Dívida da companhia *i* no trimestre *t*;

Fco_{it} = Fluxo de caixa operacional da companhia *i* no trimestre *t*;

Mtb_{it} = Oportunidade de crescimento da companhia *i* no trimestre *t*;

$DmGrform$ = *Dummy* de grau de formação do CFO, indica o grau de formação do gestor da companhia i no trimestre t ;

$DmTtemp$ = *Dummy* de tempo de empresa do CFO, indica o tempo de empresa do CFO da companhia i no trimestre t ;

$DmEprof$ = *Dummy* de tempo de experiência como CFO, indica o tempo de experiência do gestor da companhia i no trimestre t ;

$DmMudança$ = *Dummy* da mudança de CFO, indica se houve mudança de CFO da companhia i no trimestre t ;

E_{it} = Termo de erro.

3.4 Variável dependente

A variável dependente do modelo é o nível de caixa, como já foi demonstrado, sendo este a soma dos valores disponíveis em caixa, bancos e aplicações financeiras de curto prazo, dividida pelo ativo total, noção utilizada pelos autores Kim et al. (1998), Opler et al. (1999), Ozkan e Ozkan (2004), e Dahrouge e Saito (2013).

Cash = (Disponível e Inv. CP + Aplicações Financ. CP) / (Ativo Total), onde:

Cash = Nível de caixa da companhia;

Disponível e Inv. CP = Disponível em caixa e investimento de curto prazo;

Aplicações Financeiras. CP = Aplicações financeiras de curto prazo;

Ativo Total = Ativo total da companhia.

3.5 Variáveis independentes

Para entendimento e relação dos principais determinantes foram investigadas as seguintes variáveis independentes: tamanho da empresa como ativo total, grau de alavancagem, fluxo de caixa operacional e *market-to-book*. Destacam-se as variáveis *dummies* grau de formação, curso de formação, tempo de empresa, tempo de experiência como CFO e a ocorrência de mudança no período analisado. Não foi considerada a variável gênero no modelo, pois, apesar de sua importância ter sido destacada na literatura, não foi encontrada relevância no número de empresas com perfis do gênero feminino na amostra. Todas estas variáveis estão detalhadas na Tabela 1.

Variáveis	N.o	Abreviação	Descrição	Proxys	Teoria	Sinal Esperado
Dependente	1	Cash	Cash holding	(Disponível e Inv. CP + Aplicações Financ. CP)/(Ativo Total)	Kim et al. (1998), Opler et al. (1999), Ozkan e Ozkan (2004), Dahrouge e Saito (2013)	
Independentes	2	Tam	Tamanho	Ativo Total	Abreu (2005), Dahrouge e Saito (2013), Lopes (2001), Hamburger (2003), Abreu (2005) e Iquiapaza e Amaral (2008)	(-)
	2.1	Alav	Alavancagem	(Divida CP + LP) / (Ativo Total)	Puga e Nascimento (2008), Lee e Song (2010), Dahrouge e Saito (2013)	(+)
	2.3	Fco	Fluxo de caixa operacional	(Lucro Líquido + Depreciação e Amortização) / (Ativo Total)	Dahrouge e Saito (2013)	(+)
	2.5	MtB	Market-to-book	Econômica	Iquiapaza e Amaral (2008)	(+)
	2.7	GrForm	Grau de formação	Formulário de referência 12.5	Malmendier e Tate (2005), Graham e Harvey (2001), Jensen (1986)	(-)
	2.8	Tpemp	Tempo de empresa	Formulário de referência 12.5	Oliveira (2010), Jensen (1986) e Aier (2005)	(+)
	2.9	Eprof	Tempo de experiência como CFO	Formulário de referência 12.5	Oliveira (2010), Jensen (1986) e Aier (2005)	(+)
	3.0	DmMudança	Mudança de CFO	Formulário de referência 12.5	Oliveira (2010), Jensen (1986) e Malmendier e Tate (2005)	(+)

Tabela 1 Sumário das Variáveis

4 | INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

4.1 Estatística descritiva

A primeira análise da pesquisa se refere à distribuição da amostra por setor, conforme apresentado nas tabelas de 2 a 7.

No.	Setor	Qtde.	Média	Mín	Máx	D.P
1	Bens Industriais	6	6,8	0,7	14,5	4,7
2	Consumo Cíclico	28	5,8	0,4	19,0	4,7
3	Consumo Não Cíclico	10	6,8	1,7	15,1	4,3
4	Energia	11	7,8	0,9	15,0	4,9
5	Finanças e Outros	3	6,2	1,9	9,7	4,0
6	Materiais Básicos	4	11,0	0,7	24,0	11,6
7	Saúde	6	6,6	0,7	17,1	6,2
8	Tecnologia da Informação	3	8,3	2,2	15,0	5,8
9	Telecomunicações	3	6,1	1,6	10,5	6,2
10	Utilidades	8	8,6	0,4	19,4	7,6
Total		82	7,0	0,4	24,0	5,5

Tabela 2 Tempo de Experiência como CFO (*Chief Financial Officer*) por Setor (em anos)

Fonte: Classificação setorial BM&F Bovespa - B3

Por meio de estatística descritiva, é possível caracterizar a amostra e indicar as médias do tempo de experiência como CFO. Observa-se que a distribuição dos setores do banco da BM&F Bovespa – B3 demonstra que o setor de Materiais básicos apresenta a média mais significativa com 11 anos de experiência do CFO, Energia apresenta uma média de 7 anos e 8 meses, já os setores que apresentam o menor tempo de experiência são Utilidades e Consumo cíclico, com 4 meses; os setores Materiais básicos, Bens industriais e Saúde apresentam perfis com 7 meses de experiência.

Os setores que apresentam os perfis com mais tempo de experiência são: Materiais básicos, com 24 anos; Utilidades, com 19 anos e 4 meses; e Consumo cíclico, com 19 anos. O setor de Materiais básicos também demonstra o maior desvio padrão de 11 anos e 6 meses. No total geral, o tempo de experiência do CFO é de 6 anos e 9 meses, sendo que o mínimo é de 4 meses e o máximo é de 24 anos. Verifica-se que 45,12% da amostra possuem até 5 anos de experiência como CFO; 28,05%, entre 5 e 10 anos; 25,61%, entre 10 e 20 anos; e somente 1,22% possui mais de 20 anos de experiência.

No.	Setor	Qtde.	Média	Mín	Máx	D.P
1	Bens Industriais	6	6,4	0,7	14,5	4,8
2	Consumo Cíclico	28	3,7	0,4	16,7	3,8
3	Consumo Não Cíclico	10	3,3	0,8	9,0	2,4
4	Energia	11	4,9	0,7	10,5	4,2
5	Finanças e Outros	3	4,4	1,7	9,7	4,6
6	Materiais Básicos	4	1,9	0,7	3,6	1,2
7	Saúde	6	3,8	0,7	8,4	3,6
8	Tecnologia da Informação	3	6,9	0,7	15,0	7,2
9	Telecomunicações	3	1,4	1,2	1,6	0,3
10	Utilidades	8	5,6	0,1	14,5	5,9
Total		82	4,2	0,1	16,7	4,1

Tabela 3 Tempo na empresa como CFO por Setor (em anos)

Fonte: Classificação setorial BM&F Bovespa - B3

Observa-se na distribuição dos setores do BM&F Bovespa – B3 que o setor de Tecnologia da informação apresenta a média de tempo na empresa como CFO mais significante, com 6 anos e 9 meses; o setor de Bens industriais apresenta uma média de 6 anos e 4 meses; já o setor que apresenta os perfis com menor tempo de empresa é o de Utilidades, com apenas 1 mês.

No.	Setor	Graduação	MBA	Mestrado	Doutorado	Total
1	Bens Industriais	1	5			6
2	Consumo Cíclico	6	21	1		28
3	Consumo Não Cíclico	1	9			10
4	Energia	2	9			11
5	Finanças e Outros		3			3
6	Materiais Básicos	1	2		1	4
7	Saúde	2	2	2		6
8	Tecnologia da Informação	1	2			4
9	Telecomunicações		2	1		2
10	Utilidades	2	4	2		8
Total		16	59	6	1	82

Tabela 4 Formação do CFO por Setor

Fonte: Classificação setorial BM&F Bovespa - B3

A tabela 4 apresenta a formação do CFO e verifica-se uma alta concentração de 72% na formação de graduação e MBA; 19,5% possuem apenas graduação; 7,14% possuem mestrado; e apenas 1,19% possui doutorado. Destacam-se a formação em graduação e

MBA como as formações mais representativas dos perfis.

Setor	Qtde.	Média	Mín.	Máx.	D.P
Bens Industriais	5	45	36	60	9
Consumo Cíclico	25	47	33	65	10
Consumo Não Cíclico	10	49	37	64	9
Energia	11	52	41	63	9
Finanças e Outros	3	47	46	48	1
Materiais Básicos	4	49	42	55	5
Saúde	6	43	35	60	9
Tecnologia da Informação	3	45	41	50	5
Telecomunicações	2	47	44	50	5
Utilidades	7	48	35	60	8
Total	77	48	33	65	8

Tabela 5 Idade do CFO por Setor (em anos)

Fonte: Classificação setorial BM&F Bovespa - B3

A tabela 5 apresenta a idade do CFO por setor. Verifica-se que 44,3% da amostra possuem entre 50 e 60 anos, 39,24% possuem entre 40 e 50 anos, e apenas 16,46% possuem entre 30 e 40 anos; a média no total da amostra é de 48 anos. O perfil com a menor idade é do setor de Consumo cíclico, com o CFO de 33 anos. Os setores com as maiores idades são os de Consumo cíclico, com 65 anos, e Consumo não cíclico, com 64 anos. Foram excluídos 5 perfis desta tabela porque as idades não foram identificadas.

Setor	Feminino	Masculino	Total
Bens Industriais		6	6
Consumo Cíclico	1	27	28
Consumo Não Cíclico		10	10
Energia		11	11
Finanças e Outros	1	2	3
Materiais Básicos		4	4
Saúde		6	6
Tecnologia da Informação	1	2	4
Telecomunicações		3	2
Utilidades	1	7	9
Total	4	78	82

Tabela 6 Gênero do CFO por Setor

Fonte: Classificação setorial BM&F Bovespa - B3

Observa-se na tabela 6 que os setores que possuem perfis com o gênero feminino são: Consumo cíclico, Finanças e outros, Tecnologia da Informação e Utilidades. Elas possuem como formação cursos de Administração, Economia e Tecnologia da Informação, e têm média de idade de 44 anos, sendo a menor idade de 35 anos e a maior, de 48 anos. Destaca-se também que todas possuem como grau de formação graduação e MBA.

No.	Setor	Adm.	Contab.	Economia	Direito	Engenharia	Marketing	T.I
1	Bens Industriais	1		1		4		
2	Consumo Cíclico	13	2	10	2	1		
3	Consumo Não Cíclico	4	2		1	3		
4	Energia	1	1	1		8		
5	Finanças e Outros	2	1					
6	Materiais Básicos	2				2		
7	Saúde	1				5		
8	Tecnologia da Informação		1				1	1
9	Telecomunicações	3						
10	Utilidades	5		3				
	Total	32	7	15	3	23	1	1

Tabela 7 Curso de formação do CFO por Setor

Fonte: Classificação setorial BM&F Bovespa - B3

Na tabela 7 apresentam-se os cursos de formação dos perfis por setores. Pode-se verificar que 39,02% são formados no curso de Administração de Empresas, 28,05% em Engenharia, 18,29% em Economia, 8,54% em Contabilidade, 3,66% em Direito, 1,22% em Marketing e 1,22% em Tecnologia da Informação. Portanto, o curso de maior significância é Administração de Empresas, mas Engenharia também demonstra ser significativa. Em análise da amostra estudada, 54,88% dos perfis já concluíram algum curso de especialização no exterior.

	Cursos de Formação								
	Adm	Engenharia	Diferença	Adm	Economia	Diferença	Adm	Contabilidade	Diferença
Média CH	0,137	0,143	(-0,006)	0,138	0,149	(-0,012)	0,138	0,176	(-0,039)***
Variância	0,0082	0,0084		0,008	0,028		0,008	0,018	

Notas: *** significante ao nível de 1%, ** significante ao nível de 5% *significante ao nível de 10%
CH – Cash Holding

	Graduação+Mba e Mudança de CFO no período					
	Graduação	Graduação MBA	Diferença	Sem Mudança CFO (no período)	Com Mudança CFO (no período)	Diferença
Média CH	0,142	0,145	(-0,003)	0,127	0,151	(-0,024)***
Variância	0,022	0,010		0,009	0,015	

Notas: *** significante ao nível de 1%, ** significante ao nível de 5% *significante ao nível de 10%
CH – Cash Holding

	Tempo de empresa e Experiência como CFO					
	Tempo Mais de 2 anos	Tempo Menos de 2 anos	Diferença	Experiência menos 10 anos	Experiência mais 10 anos	Diferença
Média CH	0,156	0,131	(0,025)***	0,154	0,116	(0,039)***
Variância	0,017	0,009		0,015	0,007	

Notas: *** significante ao nível de 1%, ** significante ao nível de 5% *significante ao nível de 10%
CH – Cash Holding

Tabela 8 Teste estatístico para comparação de duas médias do *cash holding*

Estatística t – Teste de Hipótese

Na tabela 8 apresentam-se os resultados do teste t para amostras independentes. Este teste de hipótese é utilizado quando existem duas condições experimentais em sujeitos diferentes em cada grupo de comparação, ou seja, as amostras não são pareadas. Também foram analisadas a correlação das variáveis pesquisadas.

Apresentam-se na tabela 9 as correlações e os baixos índices entre as variáveis.

	Cash_Holding	Tamanho	Alavancagem	FCO	Mkt-to-book
Cash_Holding	1,0				
Tamanho	-0,1642	1,0			
Alavancagem	0,0034	-0,0064	1,0		
FCO	-0,0085	-0,0020	-0,0004	1,0	
Mkt-to-book	-0,2620	0,0519	-0,0023	-0,1974	1,0

Tabela 9 Correlação das Variáveis Pesquisadas

4.2 Estimação do modelo de regressão de dados em painel

A tabela 10 apresenta dados em painel através dos modelos Pooled (MQO) e Efeito Fixo.

Variáveis	Pooled		Efeito Fixo	
	Coefficientes	P-valor	Coefficientes	P-valor
Constante	0,460***	(0,000)	0,474***	(0,000)
Tamanho	-0,009***	(0,000)	-0,010***	(0,000)
Alavancagem	0,000	(0,970)	0,000	(0,906)
Fluxo de Caixa Operacional	-0,006***	(0,003)	-0,006***	(0,003)
Market-to-Book	-0,021***	(0,000)	-0,022***	(0,000)
Graduação e Graduação+MBA	0,020***	(0,000)	0,020***	(0,000)
Mais de 2 anos na empresa	0,006	(0,297)	0,006	(0,323)
Tempo de Experiência	-0,013***	(0,048)	-0,013***	(0,033)
Empresa houve mudança	0,048***	(0,000)	0,047***	(0,000)
Observações	1772	1772		
R-quadrado		0,222		0,225

Tabela 10 Modelos Pooled e Efeito Fixo

Notas: *** significante ao nível de 1%, ** significante ao nível de 5% *significante ao nível de 10%

Em suma, o resultado do teste de Breusch-Pagan mostra que a variância dos resíduos obteve um valor próximo para aceitar a hipótese nula, ou seja, “a variância do erro de unidade-especifica = 0”. Por isso, o modelo Pooled (MQO) foi considerado para regressão.

Para verificar se existe correlação entre ai e as variáveis explicativas, foi feito o teste de Hausman. Os resultados do teste indicam que a hipótese nula, de que “as estimativas GLS são consistentes”, deve ser rejeitada. Através deste teste, verifica-se que o modelo de efeitos aleatórios não é indicado para esta regressão. Portanto, foi considerado, além do Pooled, o Efeito fixo. Foi verificado através do teste de White que, a princípio, o modelo não apresentou problemas de heteroscedasticidade. As variáveis dummies de setor não estão demonstradas na tabela 10, mas foram utilizadas para os modelos.

De acordo com o teste VIF (*Variance Inflation Factor*, Fator de Inflação de Variância), não foi identificada presença de multicolinearidade.

4.3 Explicações dos Resultados

4.3.1 Mudança de CFO

Observa-se através do teste t que é estatisticamente diferente a média de *cash holding* das empresas que possuíram mudanças de CFO no período analisado. Pode-se concluir que a mudança do CFO interfere diretamente o nível de *cash holding* e corrobora para o aumento do mesmo. Este resultado se relaciona diretamente com as pesquisas de Malmendier e Tate (2005) sobre as características dos gestores terem poder explicativo na

tomada de decisão, e a de Jensen (1986), que afirma que um fator determinante para a gestão de caixa é a tendência de que os gestores tomem decisões de manterem o caixa elevado como benefício próprio para conseguirem suprir necessidades em situações adversas de seu dia-a-dia ou porque possuem problemas de aversão ao risco; ou seja, as decisões são tomadas por interesses próprios. Os resultados desta pesquisa identificaram que os novos gestores tendem a elevar o nível de *cash holding* da empresa.

O estudo indica que a mudança de CFO afeta significativamente ao nível de 1% o carregamento de caixa da empresa. Em suma, pode-se afirmar que os resultados são consistentes com a principal hipótese de que a mudança de gestor influencia diretamente no nível de *cash holding*, corroborando para elevá-lo, **confirmando a hipótese 1 (H1)**.

O resultado da regressão também confirma a hipótese principal, a mudança de CFO interfere diretamente o nível de *cash holding* das companhias elevando seu nível. Assim, pode-se concluir que o novo CFO tende a elevar o nível de caixa por insegurança de ser novo na empresa e no processo de gestão.

4.3.2 Mais de 2 anos na empresa como CFO e Tempo de experiência como CFO

A segunda hipótese testada nesta pesquisa foi a de que as empresas que possuem gestores com mais tempo de empresa e mais tempo de experiência como CFO possuem um nível de *cash holding* mais elevado.

Os resultados demonstram que é estatisticamente significante e diferente a média de *cash holding* das empresas que possuem gestores com mais de 2 anos na empresa como CFO e com mais tempo de experiência na posição, estando de acordo com a pesquisa de Aier (2005), que afirma que tempo de experiência no cargo é uma variável estatisticamente significante para estes profissionais. Observa-se que além da pesquisa de Air (2005) este resultado se relaciona com os estudos de Malmendier e Tate (2005) sobre as características dos gestores terem poder explicativo na tomada de decisão.

Entretanto, a variável mais de 2 anos na empresa demonstra que os gestores possuem um nível de *cash holding* mais elevado, condizente com o esperado, já a variável mais tempo de experiência como CFO apresentou resultado diferente com a expectativa, assim, não confirmando totalmente a hipótese 2 (H2).

4.3.3 Graduação+MBA

Analisando também o resultado da regressão para a variável perfis com nível de formação graduação e MBA (também considerado os perfis com mestrado e doutorado) em comparação com os gestores que possuem somente graduação, apresentou-se relação positiva estatisticamente significante. Este resultado indica que os perfis que possuem MBA possuem um nível de *cash holding* mais elevado.

4.3.4 Curso de Formação

Analisando também os resultados para a variável curso de formação, conforme tabela 7, destaca-se que a média de *cash holding* para formação dos gestores no curso de administração em comparação com o curso de contabilidade é estatisticamente diferente e significativa ao nível de 1%.

Conclui-se que as empresas que possuem perfis com formação em contabilidade possuem um nível de *cash holding* mais elevado. Os resultados não demonstraram significância e diferença de médias de *cash holding* entre o curso de formação em administração e os cursos de engenharia e economia.

4.3.5 Variáveis de controle

O tamanho das empresas analisado pelo ativo total apresentou uma relação negativa estatisticamente significativa a 1% entre o *cash holding*, indicando que grandes empresas conseguem gerir seus recursos financeiros de liquidez de modo a proporcionar níveis de *cash* menores. Os resultados estão de acordo com as expectativas iniciais das teorias de referência de Dahrouge e Saito (2013) e Iguiapaza e Amaral (2008).

Os resultados também demonstram que há uma relação negativa entre o valor de mercado (*market-to-book*) e estatisticamente significativa a 1%. Isso indica que, quanto menor for o valor de mercado da empresa, menor será o nível de *cash holding*. Os resultados atendem às expectativas das teorias de referência parcialmente, pois estatisticamente está de acordo com o esperado, no entanto, a relação é negativa, diferentemente da pesquisa de Dahrouge e Saito (2013).

Os resultados mostraram que também há uma relação negativa do fluxo de caixa operacional com o nível de *cash holding* e estatisticamente significativa a 1%, indicando que níveis mais baixos do fluxo de caixa operacional proporcionam um nível mais baixo de *cash holding*. Os resultados atendem às expectativas das teorias de referência, pois estatisticamente está de acordo com o esperado, ainda assim, a relação é negativa, também diferentemente do que se encontra na pesquisa de Dahrouge e Saito (2013).

Uma possível explicação para o fato de alguns resultados estarem diferentes dos encontrados na literatura pode residir na amostra e no período analisado. Como o objetivo do trabalho é verificar a relação das características e a mudança de CFO com o nível de *cash holding*, não foram exploradas essas diferenças.

5 | CONCLUSÃO

Esta pesquisa investigou a relação do perfil do CFO com o nível de *cash holding* das empresas brasileira listadas na BM&FBOVESPA – B3 no período de 2011 a 2016. O trabalho analisou como é o perfil do CFO e como este se relaciona com o carregamento

de caixa da companhia. Verificou-se que a mudança de CFO interfere diretamente o nível de *cash holding* da empresa e contribui para elevar o nível de caixa. Esse resultado se relaciona diretamente com as pesquisas de Malmendier e Tate (2005) sobre o fato de as características dos gestores possuírem poder explicativo na tomada de decisão, e de Jensen (1986) sobre os gestores tomarem decisões de manterem o caixa elevado como benefício próprio ou porque possuem problemas de aversão ao risco. Assim, pode-se concluir que o novo CFO tende a elevar o nível de caixa por insegurança de ser novo na empresa e no processo de gestão.

Os resultados demonstram que é estatisticamente diferente a média de *cash holding* das empresas que possuem gestores com mais de 2 anos na empresa como CFO e com mais tempo de experiência na posição. Entretanto, a variável mais de 2 anos na empresa demonstra que os gestores possuem um nível de *cash holding* mais elevado, condizente com o esperado, já a variável mais tempo de experiência como CFO apresentou resultado diferente com a expectativa, assim, não confirmando totalmente a hipótese 2 (H2).

A variável que apresenta perfis com nível de formação graduação em comparação com os gestores que possuem somente graduação, apresentou relação positiva estatisticamente significativa. Esse resultado indica que os perfis que possuem MBA possuem um nível de *cash holding* mais elevado. Os resultados para a variável curso de formação destacam que a média de *cash holding* para formação dos gestores no curso de administração em comparação com o curso de contabilidade é estatisticamente diferente e significativa ao nível de 1%. Conclui-se que as empresas que possuem perfis com formação em contabilidade possuem um nível de *cash holding* mais elevado.

Em relação às variáveis de controle, a pesquisa encontrou evidências de que o tamanho das empresas analisado pelo ativo total apresenta uma relação negativa estatisticamente significativa com o *cash holding*, indicando que grandes empresas conseguem gerir seus recursos financeiros de liquidez do modo a proporcionar níveis de caixa menores. Os resultados estão de acordo com as expectativas iniciais das teorias de referência de Dahrouge e Saito (2013) e Iguiapaza e Amaral (2008). Este estudo encontrou uma relação negativa entre o valor de mercado (*market-to-book*) e estatisticamente significativa a 1%. Isso indica que, quanto menor for o valor de mercado da empresa, menor o nível de *cash holding*. Os resultados atendem às expectativas das teorias de referência parcialmente, pois estatisticamente está de acordo com o esperado, no entanto, a relação é negativa, diferentemente da pesquisa de Dahrouge e Saito (2013). Quanto ao fluxo de caixa operacional, encontram-se evidências de que há uma relação negativa do fluxo de caixa operacional com nível de *cash holding* e estatisticamente significativa, indicando que o nível mais baixo do fluxo de caixa operacional proporciona um nível mais baixo de *cash holding*. Uma possível explicação para alguns resultados estarem diferentes dos encontrados na literatura pode estar na amostra e do período analisado. Como o objetivo do trabalho é verificar a relação das características e a mudança de CFO com o nível de

cash holding, não foram exploradas essas diferenças.

Esta pesquisa encontrou limitações e espera que elas possam contribuir para futuras pesquisas de forma a ajudar o entendimento do nível de *cash holding* em um curto prazo de tempo. Pode-se investigar em futuros trabalhos o efeito do nível de *cash holding* para empresas em diferentes países, capturando a relação do nível de *cash holding* em diferentes empresas de diferentes países. Também é possível expandir melhor a base de empresas e incluir variáveis macroeconômicas.

REFERÊNCIAS

Abreu, R. L. (2005). **Os determinantes de caixa das empresas brasileiras: teste das variáveis propostas pelas teorias Tradeoff, Pecking order e Free cash flow** (Dissertação de Mestrado em Ciências Contábeis). Universidades UnB, UFPB, UFPE e UFRN, Brasília, DF, Brasil.

Adams, R. B. (2016). **Women on boards: The superheroes of tomorrow? The Leadership Quarterly**, 27(3), 371-386.

Aier, J. K., Comprix, J., Gunlock, M. T., & Lee, D. (2005). **The financial expertise of CFOs and accounting restatements**. *Accounting Horizons*, 19(3), 123-135.

Assaf Neto, A.; Lima, F. G. (2010). **Fundamentos da administração financeira**. São Paulo: Atlas.

Bates, T. W., Kahle, K. M., & Stulz, R. M. (2009). **Why do US firms hold so much more cash than they used to?** *The Journal of Finance*, 64(5), 1985-2021.

Baumol, W. J. (1952). **The transactions demand for cash: An inventory theoretic approach**. *Quarterly Journal of Economics*, 66, 545-556.

Bazerman, M. (2015). **Processo decisório: Para cursos de administração e economia** (8 ed.). Rio de Janeiro: Elsevier Brasil.

Braga, R. (1991). **Análise avançada do capital de giro**. *Caderno de Estudos*, (3), 01-20.

Borges Forti, C. A., Maciel Peixoto, F., & Silva Freitas, K. (2011). **Retenção de caixa, desempenho operacional e valor: um estudo no mercado de capitais brasileiro**. *Revista de Contabilidade e Organizações*, 5(13), 20-33.

Carvalho, C. J., & Schiozer, R. F. (2012). **Gestão de capital de giro: Um estudo comparativo entre práticas de empresas brasileiras e britânicas**. *RAC-Revista de Administração Contemporânea*, 16(4), 518-543.

Center, B., Sessions, S. F. I., Learning, I. L., Leaders, M. A. R. C., Accord, C., Board, C. W. O., & Inclusive, B. (2007). **The bottom line: Corporate performance and women's representation on boards (2004-2008)**.

Eiteman, D. K., Stonehill, A. I., & Moffett, M. H. (2013). **Administração financeira internacional**. Porto Alegre: Bookman Editora.

- Fazzari, S. M., & Petersen, B. C. (1988). **Financing constraints and corporate investments.** *Brooking papers on Economic Activity*, 1, 141– 195.
- Ferreira, M. A., & Vilela, A. S. (2004). **Why do firms hold cash? Evidence from EMU countries.** *European Financial Management*, 10(2), 295-319.
- Graham, J. R., & Harvey, C. R. (2001). **The theory and practice of corporate finance: Evidence from the field.** *Journal of financial economics*, 60(2), 187-243.
- Gonçalves, R. M. M. C. (2012). **Um estudo sobre a liderança feminina: Motivação, bem-estar subjetivo e bem-estar no trabalho** (Dissertação de Mestrado em Psicologia Social e das Organizações). Universidade do Algarve – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Faro, Portugal.
- Iquiapaza, R. A., & Amaral, H. F. (2009). **Restrições de financiamento e política de gestão de caixa nas empresas da Bovespa.** *RIC-Revista de Informação*, 2(3), 77-89.
- Jensen, M. C. (1986). **Agency costs of free cash flow, corporate finance, and takeovers.** *The American Economic Review*, 76(2), 323-329.
- Kets de Vries, M. F. R. **Liderança na empresa: Como comportamento dos líderes afeta a cultura interna.** São Paulo: Atlas, 1997.
- Koshio, S., & Cia, J. N. (2004). **The determinants of corporate cash holdings: A comparison between Brazilian and US firms.** *Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração*, São Paulo, SP, Brasil, XXVIII.
- Lodi, J. B. (1969). **Estratégia de negócios: Planejamento a longo prazo.** *Revista de Administração de Empresas*, 9(1), 05-32.
- Loden, M. (1988). **Liderança feminina: Como ter sucesso nos negócios sendo você mesma.** São Paulo: Bandeirante.
- Lopes, A. C. V., & Menezes, E. A. (2006). **Gestão financeira das cooperativas: Aplicação do modelo dinâmico.** *Revista gestão industrial*, 2(02), 143-152.
- Lee, Y. J., & Song, K. (2010). **Long-term effects of a financial crisis: Evidence from cash holdings of East Asian firms.** *Journal of Financial Quantitative*, 47, 617–641.
- Machado, M. A. V., Machado, M. R., Callado, A. L. C., & Araújo, J. B., Jr. (2005). **Análise dinâmica e o financiamento das necessidades de capital de giro das pequenas e médias empresas.** *Congresso USP controladoria e contabilidade*, São Paulo, SP, Brasil, 5.
- Malmendier, U., & Tate, G. (2005). **CEO overconfidence and corporate investment.** *The Journal of Finance*, 60(6), 2661-2700.
- Marsh, P. (1982). **The choice between equity and debt: An empirical study.** *The Journal of finance*, 37(1), 121-144.
- Messmer, M. (1998). **The Value of an MBA.** *Management Accounting (USA)*, 80(4), 10-11.

Muhieddine Dahrouge, F., & Saito, R. (2013). **Políticas de cash holdings: Uma abordagem dinâmica das empresas brasileiras.** *Revista Brasileira de Finanças*, 11(3), 343-373.

Myers, S. C., & Majluf, N. S. (1984). **Corporate financing and investment decisions when firms have information that investors do not have.** *Journal of financial economics*, 13(2), 187-221.

Oliveira, M. A. (2010). **Heurísticas e vieses de decisão: Um estudo com participantes de uma simulação gerencial.** *Sociedade, Contabilidade e Gestão*, 4(1), 72-90.

Portal, M. T., Zani, J., & Silva, C. E. S. (2012). **Fricções financeiras e a substituição entre fundos internos e externos em companhias brasileiras de capital aberto.** *Revista Contabilidade & Finanças*, 23(58), 19.

Reis, E., Melo, P., Andrade, R., & Calapez, T. (1999). **Estatística aplicada.** Lisboa: Edições Sílabo.

Santos, L. P., & Wagner, R. (2007). **Processo decisório e tomada de decisão: Um dualismo.** *Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia*, 1-15. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Salotti, B. M., & Yamamoto, M. M. (2004). **A estimativa do fluxo de caixa das operações representa o real fluxo de caixa das operações?** *Revista Contabilidade & Finanças*, 15(35), 7-21.

Simon, H. A. (1972). **A capacidade de decisão e de liderança.** Rio de Janeiro: Editora, Fundo de Cultura.

Sousa, A. F., & Menezes, E. J. C. (1997). **Estratégia, crescimento e a administração do capital de giro.** *Cadernos de Pesquisa em Administração*, 2(5), 27-38.

Vieira, M. V. (2005). **Administração estratégica do capital de giro.** São Paulo: Atl

ÍNDICE REMISSIVO

A

Accountability 18, 86, 87, 88, 90, 91, 92, 97, 98, 99, 100, 223

Acervo 26, 30, 51, 103, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 174, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 240

Administração 19, 20, 22, 23, 24, 27, 28, 29, 30, 33, 38, 43, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 65, 66, 67, 70, 88, 90, 95, 96, 99, 109, 122, 126, 127, 128, 129, 130, 133, 151, 156, 167, 201, 206, 207, 222, 224, 238

Ativos Intangíveis 86, 87, 88, 89, 91, 93, 94, 95, 97

Audiovisual 183, 185, 190

B

Bibliometria 19, 20, 21, 22, 23, 27, 30, 31

Biblioteca 42, 46, 101, 103, 104, 105, 108, 109, 160, 161, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 177, 179, 180

BPM 32, 33, 37, 38, 39

C

Capital Intelectual 69, 70, 71, 78, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 192, 206

Carregamento de caixa 110, 112, 113, 125, 126

Ciência da Informação 30, 31, 40, 41, 43, 44, 51, 103, 133, 151, 154, 160, 162, 163, 239, 240, 241, 243, 250, 251, 252, 264, 265, 266

clickaccor 68, 69, 73, 75, 80, 81, 82, 83

Colaboradores 32, 68, 69, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 166, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 203, 205, 254, 256, 258, 262, 264

coleções 102, 153, 154, 156, 160, 165, 166, 168, 172, 173

Computação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 15, 157, 160, 247, 266

Comunicação 4, 6, 7, 9, 11, 12, 13, 20, 22, 38, 65, 86, 87, 89, 93, 95, 97, 98, 154, 155, 158, 160, 161, 183, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 201, 205, 206, 207, 225, 226, 240, 241, 245, 249, 265

Conhecimento 2, 1, 9, 20, 21, 22, 28, 29, 31, 38, 41, 43, 46, 50, 51, 53, 57, 62, 63, 65, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 92, 93, 102, 103, 108, 111, 114, 115, 131, 135, 137, 140, 141, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 165, 168, 169, 183, 184, 185, 186, 190, 191, 193, 195, 196, 200, 201, 202, 204, 205, 206, 209, 219, 226, 229, 230, 231, 235, 236, 243, 245, 246, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 262, 263, 264, 265

Conservação 173, 181

criptografia 8

D

Dados 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 17, 20, 22, 23, 25, 41, 42, 43, 44, 47, 49, 50, 51, 68, 71, 74, 77, 78, 82, 86, 87, 89, 91, 94, 95, 97, 102, 105, 106, 108, 110, 112, 115, 116, 123, 131, 132, 133, 134, 137, 139, 140, 142, 143, 144, 145, 146, 148, 149, 150, 151, 153, 155, 157, 158, 159, 160, 161, 165, 166, 184, 185, 198, 208, 210, 211, 212, 213, 214, 217, 218, 227, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 242, 253, 255, 259, 261, 262, 263, 264, 266

Design Thinking 183, 184, 185, 186, 187, 188, 190, 191

Digital 4, 5, 10, 11, 15, 17, 81, 102, 103, 106, 108, 109, 153, 154, 155, 158, 160, 161, 163, 250, 252

Dispositivos móveis 6, 7, 9, 160

E

Educação 12, 17, 38, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 74, 89, 96, 102, 109, 154, 155, 158, 160, 169, 170, 171, 183, 184, 185, 199, 237, 250, 266

Educação a distância 183, 184, 185

Ensino 9, 17, 19, 21, 23, 24, 29, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 74, 86, 87, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 158, 160, 161, 166, 184, 185, 186, 189, 190, 237

Epígrafe 101, 106, 107

E-SAÚDE 1, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 15

F

Formação 53, 55, 57, 61, 62, 65, 66, 67, 71, 74, 76, 77, 95, 96, 111, 112, 114, 117, 120, 122, 125, 126, 127, 146, 160, 180, 241

framework 16, 18, 90, 99, 131, 250

G

Gestão 2, 8, 16, 20, 23, 27, 28, 30, 32, 33, 38, 39, 43, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 74, 75, 77, 80, 82, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 142, 145, 148, 150, 151, 153, 160, 161, 163, 167, 171, 172, 183, 186, 190, 191, 193, 195, 201, 202, 205, 206, 208, 209, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 233, 234, 237, 238, 240, 244, 253, 254, 263, 264, 266

Gestores 10, 15, 16, 17, 66, 68, 69, 73, 74, 77, 79, 80, 82, 83, 92, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 124, 125, 126, 127, 137, 194, 198, 209, 222, 224, 237

I

Imagem biomédica 239, 240, 241, 244, 245, 248

imagens 190, 239, 240, 241, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 252

Indicadores 20, 23, 30, 33, 39, 63, 87, 92, 94, 95, 96, 97, 98, 208, 209, 210, 211, 212, 214,

215, 216, 217, 219, 220, 226, 242

Informação 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 15, 17, 20, 21, 23, 24, 29, 30, 31, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 65, 69, 72, 82, 83, 95, 102, 103, 105, 106, 107, 108, 109, 120, 122, 129, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 167, 169, 170, 171, 172, 173, 180, 185, 190, 198, 199, 202, 208, 209, 210, 213, 224, 225, 226, 230, 239, 240, 241, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 261, 262, 263, 264, 265, 266

infraestrutura 4, 5, 6, 11, 14, 167

Inovação 12, 23, 27, 69, 70, 81, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 93, 96, 97, 111, 115, 155, 161, 175, 189, 191, 196, 205, 249, 266

Integração 3, 14, 29, 62, 64, 98, 192, 193, 194, 197, 199, 200, 205

Internet 6, 9, 10, 16, 17, 30, 40, 41, 42, 44, 50, 72, 81, 95, 102, 157, 193, 194, 227, 230, 231, 250

L

Liderança 58, 111, 115, 129, 130, 193, 201, 202

M

Mapeamento 19, 23, 33, 38, 80, 135, 153

Modelagem 32, 33, 34, 37, 38, 195, 255, 259, 260, 261

Modelo racional 131, 134, 136, 137, 138, 147, 148, 150

Mudança de CFO 110, 124

N

Nível de cash 110, 111, 112, 113, 116, 124, 125, 126, 127, 128

Normalização 5, 101, 102, 103, 108

Nuvem 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 14, 15, 160

O

Orçamento 93, 114, 169, 172, 221, 223, 228, 229

Organização 2, 5, 6, 11, 12, 16, 20, 41, 42, 43, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 70, 71, 88, 89, 92, 93, 94, 96, 98, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 153, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 167, 172, 183, 184, 186, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 202, 203, 205, 241, 242, 245, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 263, 264, 265

P

Paradigma 2, 3, 53, 55, 56, 57, 60, 61, 64, 65, 66, 87, 166

Patrimoniamento 32, 33, 34, 37

Perfil 13, 19, 74, 81, 110, 111, 112, 114, 115, 116, 121, 126, 165, 209
Periódicos 19, 20, 21, 23, 27, 28, 49, 50, 51, 167, 173, 174, 175, 180, 226, 239, 240, 243, 248, 250
Pós-pandemia 5, 192, 193, 199, 205
Preservação 14, 160, 173, 174, 175, 179, 181, 190
Pré-textuais 101, 104, 105, 106, 107, 108
Processos 21, 32, 33, 34, 38, 39, 43, 57, 58, 61, 65, 71, 81, 89, 91, 92, 95, 96, 97, 132, 136, 140, 141, 151, 153, 157, 158, 159, 160, 168, 183, 184, 186, 189, 195, 197, 200, 202, 203, 205, 226, 228, 229, 255, 256, 257
Produção Científica 20, 21, 23, 27, 30, 41, 96, 101, 102, 103
Projeto Pedagógico 53, 60, 61, 63, 65, 66, 188
Protótipos 183, 184, 186, 188, 189, 190, 191

R

Radiação Gama 173, 181, 182
Redes 2, 7, 9, 22, 23, 30, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 49, 50, 51, 52, 68, 72, 96, 155, 160, 185, 191
Retenção 63, 110, 112, 128, 192, 193, 194, 199, 200, 201, 203, 205, 207
Risco 4, 79, 84, 111, 114, 116, 125, 127, 132, 142, 180

S

Segurança 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 73, 80, 204, 257
Spell 19, 20, 23, 24, 28, 29, 30, 151
stakeholders 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 94, 97, 98
Sumário 101, 104, 106, 107, 108, 109, 118
Supervisão 53, 54, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 168, 203, 226, 259, 263

T

Talentos 74, 192, 193, 194, 195, 197, 199, 201, 203, 205, 206, 207
Taxonomia 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 261, 262, 263, 264
Tecnologia 1, 2, 3, 6, 7, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 20, 23, 43, 44, 47, 51, 64, 65, 66, 67, 69, 71, 95, 103, 120, 122, 130, 151, 154, 155, 157, 160, 161, 173, 174, 176, 177, 180, 181, 226, 237, 265, 266
Telessaúde 1, 3, 9, 10, 11, 12, 16, 17
Tomada de decisão 12, 58, 94, 111, 113, 114, 116, 125, 127, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 239, 240, 254, 263, 265
Trabalhos acadêmicos 50, 101, 102, 103, 104, 106, 108, 109

Transparência 14, 86, 87, 88, 91, 92, 93, 97, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 234, 235, 236, 237

Tratamento informacional 150, 239, 240, 241, 243, 244, 248

U

Unidades 40, 41, 42, 43, 47, 52, 55, 58, 65, 135, 169, 175, 210, 211, 214, 242, 243, 247


W


WEB 9, 21, 22, 102, 153, 154, 155, 157, 159, 160, 161, 162, 163

Gestão e Organização da Informação e do Conhecimento

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Gestão e Organização da Informação e do Conhecimento

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 